
EDITORIAL

O novo mar territorial brasileiro, cujo limite situa-se a uns 360 km da linha da costa (200 milhas náuticas), a tecnologia oceânica e a contaminação do ambiente marinho foram, certamente, os prováveis motivadores da inclusão da Disciplina da "Geografia do Mar" pelo M.E.C., a ser desenvolvida no atual Ciclo Fundamental.

Esse novo interesse pela Oceanografia, em todos os seus variados aspectos, levou a U.G.C. a destacar o Mar como tema Central da Semana de Geografia de 1972. A essa iniciativa do Núcleo de Divulgação e Documentação da U.G.C. é dedicada a presente edição do Boletim Geográfico.

Durante milhares de anos a humanidade vem colhendo os "frutos do mar", porém apenas nas últimas décadas tornou-se possível avaliar todo o potencial dos vastos recursos oceânicos e desenvolver o conhecimento científico e a tecnologia necessários à sua exploração. Está próxima a época em que esses recursos serão de maior valia. Dentro de trinta anos a população terrestre terá duplicado, ocasionando uma desesperada busca de novas fontes de alimentos e matérias-primas. Esse crescimento estará além do que poderão atender sozinhos

quaisquer recursos continentais. Torna-se, pois, inevitável voltar a atenção para os oceanos e, em certos setores, um intenso desenvolvimento já se verifica. O petróleo, por exemplo, já é intensamente explorado e constitui quase a totalidade (90%) de todos os minerais atualmente extraídos do leito oceânico. Por maiores que sejam as minerações atualmente realizadas nos leitos marinhos elas apenas "arranharam" a superfície dos depósitos totais dos oceanos, somente explorados, até agora, na margem submersa dos continentes (plataforma continental). Como poderia ser previsto, o maior e possivelmente mais valioso recurso em potencial dos oceanos é a sua própria água. Encontram-se atualmente em funcionamento, ou estão sendo construídas, cerca de 680 usinas de dessalinização e o número deverá crescer até 25% ao ano nos próximos 10 anos. Embora seja elevado o custo da água do mar (potabilizada) para uso geral os aperfeiçoamentos técnicos se encarrregarão de reduzi-lo a níveis aceitáveis.

De todos os usos em potencial dos produtos do mar, nenhum é de tão imediata importância como a retirada de alimentos, principalmente de proteínas animais, a maior necessidade básica dos países com pobres recursos alimentares. Atualmente, entretanto, apenas 2% do suprimento de alimentos marinhos disponíveis são recolhidos cada ano. Já se realiza, em escala experimental, a "aquacultura", ou a criação de peixes selecionados em verdadeiras "fazendas submarinas". Com a finalidade de melhor explorar os recursos do leito oceânico já são feitos, também, prolongados testes de imersão (até 30 dias), com equipes de mergulhadores vivendo em "casas-laboratório" sub-aquáticas.

Em países mais adiantados também já se projeta a construção de po-

derosas "usinas maré-motrizas", que através de barragens em costas muito recortadas aproveitarão o fluxo e refluxo diário das marés para gerar até 544.000.000 de quilowatts anuais (projeto do estuário do rio Rance, na Normandia, França).

Mas a tecnologia oceânica projeta, ainda, intervenções de maior porte. É fato conhecido pelos oceanógrafos e geógrafos que os oceanos são os grandes motores que movimentam a circulação atmosférica tornando possível o padrão constante dos chamados "ventos planetários". A medida que as águas tropicais se deslocam para as latitudes elevadas liberam grandes quantidades de calor armazenado (em decorrência do seu "alto calor específico" ou alta capacidade em absorver e conservar calor) para a atmosfera, mais fria, contribuindo desta forma para modificar os climas locais que deveriam ser muito mais frios. O desvio de uma corrente marinha como a do "Golfo" (Gulf-Stream), por exemplo, bastaria para tornar muito mais difíceis as condições de habitabilidade do noroeste europeu. O reverso, entretanto, é mais desejável. A instalação de uma fonte de calor (reator nuclear) em determinada região costeira poderia, talvez, elevar a temperatura de uma corrente oceânica fria e fazê-la espalhar esse calor ao longo de costas frias e inabitadas, suavizando as condições climáticas e conquistando novas áreas para o ecúmeno.

Esses e outros projetos são possíveis inicialmente pelo fato da terra ser um planeta único em todo o sistema solar. Somente ela possui cerca de 3/4 partes de sua superfície ocupadas pelas águas do grande "oceano planetário". Esperemos que a humanidade compreenda todas as implicações desse fato e aproveite, racionalmente - sem destruí-los antecipadamente - todos os "Frutos do Mar".